



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

BENJAMIN MARCUSE LEITORES DE FREUD: INTERPRETAÇÕES MATERIALISTAS DA MEMÓRIA

FERNANDA ANDRADE GARCIA

JULIANA VIANA FORD

GUSTAVO JOSÉ DE TOLEDO PEDROSO

Resumo:

Este artigo aborda alguns aspectos da presença da psicanálise no pensamento filosófico de Walter Benjamin e de Herbert Marcuse, considerando a relação que o primeiro estabelece entre a ideia de choque e a perda da experiência na modernidade, e o exame do avanço das forças de repressão na sociedade industrial baseada na dinâmica entre princípio de prazer e princípio de realidade realizado pelo segundo. Em ambos, o interesse pelos conceitos freudianos se dá por conta da preocupação com o aprofundamento da reflexão sobre a sociedade, identificando-se tanto os impasses existentes, quanto as potencialidades para a libertação. Tanto Benjamin quanto Marcuse percebem a importância da memória para o desenvolvimento das lutas revolucionárias, ao mesmo tempo em que ressignificam os conceitos apresentados por Freud segundo o interesse da emancipação humana. Essa importância será ressaltada no texto.

Palavras-chave: Memória. Materialismo. Freud. Teoria Crítica.

DOI: [10.5935/2179-9180.20240007](https://doi.org/10.5935/2179-9180.20240007)

Abstract: This article discusses some aspects of the presence of psychoanalysis in the philosophical thought of Walter Benjamin and Herbert Marcuse, considering the relationship that the former establishes between the idea of shock and the loss of experience in modernity, and the examination of the advance of the forces of repression in industrial society based on the dynamic between the pleasure principle and the reality principle carried out by the latter. In both cases, the interest in Freudian concepts is due to the concern with deepening the reflection on society, identifying both the existing impasses and the potential for liberation. Both Benjamin and Marcuse see the importance of memory for the development of revolutionary struggles, while at the same time re-signifying the concepts presented by Freud in the interests of human emancipation. This importance will be highlighted in the text.

Keywords: Memory. Materialism. Freud. Critical Theory.

INTRODUÇÃO

O problema da conexão entre a vida econômica da sociedade, o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e as transformações culturais orienta as reflexões da primeira geração de autores ligados ao Instituto de Pesquisas Sociais, sendo diretamente colocado já na conferência proferida por Horkheimer ao tomar posse do cargo de diretor em 1931. A relevância dos processos psíquicos individuais e da dinâmica da cultura em suas relações com as condições econômicas da época foi uma questão fundamental para este grupo que reunia filósofos, juristas, psicólogos, sociólogos, economistas e historiadores e que ficaram depois popularmente conhecidos pela expressão “Escola de Frankfurt”. Neste quadro, o interesse pela psicanálise pode ser notado, entre outros, nos textos Herbert Marcuse e Walter Benjamin¹.

O recurso a elementos e conceitos da psicanálise foi um meio para se tentar aprofundar as mediações entre as condições sociais objetivas e a constituição da subjetividade individual, tendo como norte o interesse pela emancipação. A ideia freudiana de choque é mobilizada por Walter Benjamin em seus escritos sobre arte, cultura e modernidade, enquanto para Herbert Marcuse as dinâmicas da psique humana mantêm relações importantes tanto com a continuidade da sociedade industrial quanto com as possibilidades de criação de uma sociedade livre. Considerando as relações entre choque e trauma, princípio de prazer e princípio de realidade,

1 Embora a relação de Benjamin com o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt estivesse baseada em contribuições pontuais, sem que ele fosse formalmente integrado ao grupo de investigadores, e a sua trajetória como filósofo tenha ocorrido de forma bastante independente, ele manteve intensos debates com membros do Instituto (em especial Adorno) e exerceu uma importante influência no desenvolvimento da Teoria Crítica, o que a nosso ver fornece elementos suficientes para a abordagem que propomos aqui, na qual sua obra e a de Marcuse são consideradas paralelamente enquanto trabalhos ligados à Teoria Crítica.

neste artigo nos propomos a analisar como a absorção e ressignificação desses conceitos por Benjamin e Marcuse ajuda a explicar as formas modernas de dominação que impedem a emancipação humana e a apontar caminhos para superá-las.

O movimento de denúncia das forças de repressão e controle e de identificação das potencialidades emancipadoras que coabitam os conceitos freudianos se realiza no quadro de uma leitura materialista da psicanálise. Procedendo dessa forma, Benjamin e Marcuse percebem os impactos que a disputa entre essas tendências opostas causam à memória enquanto instância de realização da individualidade e da coletividade. Nas obras de ambos, os processos de conservação e de ruptura com as estruturas sociais não são indiferentes à memória. Ao contrário: o apagamento ou a recordação de experiências passadas pela construção de uma memória individual e coletiva repleta de sentidos vivos é tratada por ambos como um importante ponto da elaboração de um diagnóstico da época. Ele atravessa o fenômeno do surgimento das massas, o avanço do fascismo, as guerras do início do século XX e o desenvolvimento da cultura.

Por isso, se coloca em destaque neste texto que por meio do estudo da subjetividade Benjamin e Marcuse demonstraram a importância de inserir a memória na crítica materialista das sociedades modernas e industriais. A primeira parte apresenta uma relação entre a ideia de choque descrita por Freud em “Além do princípio de prazer” e a perda de sentido da experiência na modernidade para Walter Benjamin, baseada na transformação da capacidade de sentir e de elaborar a memória. Por outro lado, Benjamin percebe que o contraponto a essa situação ocorre na possibilidade de que rememorando o passado se fortaleça a luta para alterar o presente e construir um futuro diferente. A segunda parte está voltada para o argumento de Herbert Marcuse de que a busca insistente por satisfação e gozo do inconsciente, apesar de reprimida pelo consciente, se deve à memória infantil de quando o Eu e o mundo externo existiam integrados. Isso torna a memória um lugar de preservação dos desejos e das potencialidades não realizadas pelo indivíduo civilizado, que o convida a se libertar das formas de opressão, segundo Marcuse. Nas considerações finais as leituras dos conceitos freudianos feitas por Benjamin e por Marcuse são abordadas do ponto de vista da defesa da memória como um elemento que precisa ser desenvolvido no campo das lutas revolucionárias para que elas possam avançar.

Walter Benjamin analisou a perda da experiência (*Erfahrung*) e o desaparecimento da narração, quer dizer, da capacidade de transmissão da experiência, considerando o enfraquecimento da memória sob as modificações tecnológicas do ambiente. A experiência, para Benjamin, é um processo de desenvolvimento e um aprendizado para a vida, algo de comum aos homens, que

os nutre de valores e princípios da vida comunitária, um saber que transcende a vivência individual e, por isso, é compartilhada principalmente pela oralidade. Conforme as circunstâncias formadoras da experiência foram desaparecendo numa época de desenvolvimento da produção mercantil e da submissão do trabalho ao capital, a elaboração da memória perdeu o seu fundamento social. Em contrapartida, a consciência se tornou mais requerida devido ao excesso de estímulos que a vida nas grandes cidades proporciona, de modo que a vivência (*Erlebnis*) substitui a experiência. Para sobreviver no mundo moderno deixamos de elaborar e compartilhar saberes coletivos registrados pela memória, e passamos a responder às situações de forma individualizada e automatizada, acionando a consciência. As consequências dessa transformação são desastrosas para Benjamin, que afirma: “Uma forma completamente nova de miséria recaiu sobre os homens com esse monstruoso desenvolvimento da técnica” (Benjamin, 2012a, p. 124).

Em “Além do princípio de prazer” (1920), Freud considera que a consciência não é a característica geral dos processos psíquicos, mas uma função particular deles que “fornece, essencialmente, percepções de excitações vindas do mundo externo e sensações de prazer e desprazer que podem se originar apenas no interior do aparelho psíquico” (Freud, 2010a, p. 136). No mesmo sistema, o fundamento da memória se estabelece nos traços duradouros e vestígios de lembranças deixados nos outros sistemas pelas ocorrências excitatórias. Tais marcas duradouras da excitação dificilmente atingem a consciência. Isso se deve à localização exposta do sistema, que é imediatamente vizinho ao mundo exterior. Sendo nocivo o excesso de estímulos, os órgãos dos sentidos capazes de recepcioná-los também realizam a proteção contra o exagero desses estímulos. Os traumas acontecem quando as excitações externas conseguem romper a proteção, gerando uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e movimentando todos os meios de defesa. Freud propõe a reabilitação da teoria do choque, a qual se refere às origens do efeito da violência mecânica produzida pelo excesso de estímulos, porém, buscando atribuir significado ao terror e à ameaça para a vida sob a ocorrência desses eventos.

Recorrendo à teoria freudiana, Benjamin atribui o recuo da memória aos constantes choques produzidos pela maior exposição a situações geradoras de traumas nos ambientes transformados pela tecnologia. Segundo Susan Buck-Morss (2012, p. 185), o filósofo considera que a experiência moderna é neurológica, centrada no choque. Ou seja, ele admite que sob pressão extrema a consciência impede a abertura do sistema sinestésico - de percepção sensorial e interpretação dos estímulos externos - e isola a consciência presente e a memória passada, evitando a produção de uma memória traumática. A consciência sensorial protege o organismo de estímulos - energias em excesso - do exterior, impedindo, assim, que estes estímulos fiquem retidos como memória. O registro dos choques pela consciência pode ter efeitos mais ou menos traumáticos. Quando em situações muito estressantes, o ego

aciona a consciência para que ela bloqueie o canal de acesso ao sistema sinestésico, isolando assim a consciência do agora da memória *passada*. Portanto, fica inibida a conexão entre os estímulos externos percebidos e a memória interna pré-existente, de modo que “sem a profundidade da memória, a experiência fica empobrecida.” (Buck-Morss, 2012, p. 186).

O uso da ideia de choque para explicar a experiência moderna esvaziada de sentidos comunitário, estético e subjetivo não deve ser interpretado sem as devidas distinções no que diz respeito aos contextos em que Benjamin e Freud pensaram o mesmo fenômeno. Buck-Morss (2012, p. 186) afirma que

Benjamin queria investigar a “fecundidade” da hipótese freudiana de que a consciência barra os choques, impedindo que eles penetrem suficientemente a fundo para deixar um vestígio permanente na memória, mediante sua aplicação a “situações muito distantes daquelas que Freud tinha em mente”. Freud estava interessado nas neuroses da guerra, no trauma dos “choques nervosos” e dos acidentes catastróficos que atormentaram os soldados na Primeira Guerra Mundial. Benjamin afirmava que essa experiência de choque no campo de batalha “tornou-se norma” da vida moderna. Percepções que antes ocasionavam uma reflexão consciente são hoje fontes de impulsos de choque que a consciência precisa rechaçar. Tanto na produção industrial quanto na guerra moderna, nas multidões na rua e nos encontros eróticos, nos parques de diversão e nos cassinos, o choque é a própria essência da experiência moderna. O ambiente tecnologicamente alterado expõe o sensorio humano a choques físicos que encontram correspondência no choque psíquico, como testemunha a poesia de Baudelaire. Registrar a “decomposição” da experiência era a “missão” da poesia de Baudelaire: ele “situava a experiência de choque bem no centro de sua obra artística”.

O prejuízo dos constantes choques à memória não afeta somente a experiência, mas também a sua transmissibilidade, ou a capacidade de narrar. Pois, sem que seja possível haver experiências significativas, os homens e as mulheres deixam de ter o que compartilhar entre si e, dessa forma, desaparece a narração, a arte de transferir a outros por meio da oralidade certos conhecimentos que transcendem as pequenas experiências individuais. Nas palavras de Jeanne-Marie Gagnebin (2018, p. 51), cria-se uma separação entre o sujeito e a linguagem. Diante destas circunstâncias, o historiador assume a tarefa fundamental de lutar contra o apagamento do passado rememorando o que a história oficial não conta. Nesta aproximação entre a função do narrador e a do historiador, a memória se torna essencial. A partir dos ensaios “Experiência e pobreza”, “O narrador”, e das teses de “Sobre o conceito de história”, Gagnebin (2018, p. 54) afirma que, para Benjamin:

[...] o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Essa tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, uma fidelidade ao passado e aos mortos, mesmo - principalmente - quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido.

Em sua leitura da teoria freudiana Marcuse se esforça em demonstrar o caráter histórico dos instintos. Este, que é um dos conceitos fundamentais para Freud, adquire também uma centralidade em *Eros e civilização*. Ora, se a luta pela existência forçou os instintos a se modificarem em nome da sobrevivência, os impulsos são, então, determinados historicamente, e por isso é possível dizer que a estrutura instintiva está necessariamente inscrita e localizada na estrutura histórica. O cenário atual exige a arregimentação desses instintos em benefício do progresso cultural. Assim, cria-se um vínculo entre a liberdade cultural e a servidão, entre o progresso cultural e a repressão. Para livrar os instintos — flexíveis e vulneráveis às modificações históricas — deste caminho, devem ser lembradas as promessas e potencialidades anteriores à repressão socialmente introduzida. Essa lembrança, na realidade dominada pelo princípio de desempenho, pode não ser mais do que uma negação abstrata, mas pode ser, para o presente, a promessa de um futuro diferente.

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade é um evento que ocorre tanto na pré-história do indivíduo (infância) quanto na história da civilização, “os princípios morais ‘que a criança absorve através das pessoas responsáveis por sua criação, durante os primeiros anos de vida’, refletem ‘certos ecos filogenéticos do homem primitivo’” (Marcuse, 1972, p. 67). Essa substituição, segundo Freud, não é única, mas se repete ao longo da história da espécie humana e na história de cada um dos seus indivíduos, a dominação e a submissão são continuamente renovadas, reproduzidas e retransmitidas tanto no avanço da civilização quanto na progressão das gerações. “O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio de prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido - ou melhor, não somos capazes de - abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização” (Freud, 2010b, p. 40).

Esta circunstância, em que o princípio de realidade tem de ser continuamente restabelecido e nunca triunfa completamente sobre o princípio de prazer, conduz à crítica marcuseana da civilização repressiva. Segundo Freud (2010b, p. 30), por mais que o princípio de prazer seja rechaçado pela realidade externa, ele é o princípio que reina sobre a vida desde o início, e que continua a afetar a realidade; pois, “é simplesmente o programa do princípio de prazer que estabelece a finalidade da vida”. Portanto, o objetivo do ser humano (estabelecido pelo princípio de prazer) é ser feliz, e por mais que as normas do mundo se coloquem contra esse objetivo, as reclamações do princípio de prazer continuam a existir nessa mesma civilização, de modo que elas reivindicam “o retorno do reprimido” (Marcuse, 1972, p. 36).

A verdade dessas forças que vivem no inconsciente, embora repelida pela consciência, preserva a memória de estágios passados nos quais a gratificação imediata era obtida. “E o passado continua a reclamar o futuro: gera o desejo de que o

paraíso seja recriado na base das realizações da civilização” (Marcuse, 1972, p. 38). O desejo de restabelecer essa plenitude inicial que, resistente, se expressa, para Freud, no sentimento oceânico discutido por ele no início de “O mal-estar na civilização”. Trata-se de “um sentimento de vinculação indissolúvel, de comunhão com todo o mundo exterior” (Freud, 2010b, p. 15), que remonta às primeiras experiências do Eu, quando este, em seu estágio inicial, sob o domínio do princípio de prazer, não diferenciava-se do mundo. Assim, a relação una entre o Eu e o mundo, como se um fosse a continuidade do outro, é mantida, mesmo depois dessa separação (onde nasce o princípio de realidade).

Na lembrança, ou no valor da memória, são conservadas as promessas e potencialidades traídas pelo indivíduo civilizado. E nesse passado que protesta e insiste em tornar-se presente, nosso autor localiza uma orientação para o futuro. “A *recherche du temps perdu* converte-se no veículo de futura libertação” (Marcuse, 1972, p. 39). Ainda, Marcuse (1972, p. 132) acrescenta um elemento fundamental a essa dinâmica entre a memória e as potencialidades traídas: a fantasia. No contexto da teoria marcuseana a fantasia serve como uma ponte entre os conteúdos do inconsciente, ou seja, os conteúdos que servem como acusação da dominação e da repressão, e o consciente, quando esses conteúdos ganham forma na arte, de modo que a fantasia “liga [...] o sonho com a realidade”. Portanto, a arte aqui se materializa na encruzilhada entre a promessa e a denúncia, representando - de forma ambígua - as potencialidades que foram traídas.

Contudo, a dimensão estética poderia validar o princípio da realidade? Marcuse (1972, p. 156) afirma que “os valores estéticos podem funcionar na vida para adorno e elevação culturais ou como passatempo particular, mas *viver* com esses valores é o privilégio dos gênios ou a marca distintiva dos boêmios decadentes”. Já Freud (2010b, p. 80), quando elabora a possibilidade de uma sociabilidade mais livre, conclui que “fica impossível prever que novos caminhos a evolução cultural pode encetar, mas uma coisa é lícito esperar: que esse indestrutível traço da natureza humana [a agressividade] também acompanhe por onde vá”. Agora, se levarmos em conta as possibilidades reais para esse cenário propostas por Marcuse em seu artigo “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”: chegamos a um estágio no desenvolvimento tecnológico em que seria possível “diminuir o tempo e a energia gastos na produção das necessidades da vida, além de uma redução gradual da escassez” (Marcuse, 1999, p. 103). Há, portanto, condições materiais que alicerçam nossa reflexão sobre as possibilidades de futuro. Nesse contexto, o Eu, uma vez que não estivesse mais preso à eficiência competitiva, “poderia crescer no reino da satisfação. O homem poderia encontrar-se consigo mesmo nas suas paixões”. A partir disso, vejamos as possibilidades tratadas por Marcuse:

Tal Utopia não seria um estado de felicidade perene. A individualidade “natural” do homem é também a fonte de sua aflição natural. Se as relações humanas forem tão-somente humanas, se forem libertas de todos os padrões externos, elas serão impregnadas pela tristeza de seu conteúdo singular (Marcuse, 1999, p. 103).

Com base nesse contexto, Marcuse contesta Freud e exercita o que podemos chamar de uma esperança dialética. Ele pondera sobre os conflitos que podem surgir da natureza individual do homem. Esses conflitos podem surgir, porém, “podem não possuir as características violentas e agressivas que tão frequentemente eram atribuídas ao ‘estado de natureza’”. Estas características podem ser as marcas da coerção e da privação” (Marcuse, 1999, p. 104). Voltando ao seu argumento inicial e, ao que parece, aventando uma possibilidade inversa a de Freud, Marcuse sugere:

suprima-se então o cativo existente na humanidade, sumprimam-se todas as restrições convencionais que mantêm o apetite e a paixão na perpétua tentativa de escapar, como o vapor de uma caldeira superaquecida, e sua força imediatamente se tornará conservadora em vez de destruidora (Marcuse, 1999, p. 103; cf. James, 1852, p. 47ss).

Isso não significa que Marcuse tenha se afastado da perspectiva de uma luta política de fato, que tenha perdido de vista as condições materiais para esta luta. Pelo contrário, Marcuse considera que o desenvolvimento da tecnologia abre a possibilidade da redução do tempo de trabalho necessário para a satisfação das necessidades básicas. Além disso, a arte ou mesmo a experiência estética, no contexto desses escritos, parecem ser catalisadores com o potencial de “contribuir para a mudança do consciente e dos impulsos dos homens e mulheres que poderiam mudar o mundo” (Marcuse, 2018, p. 36). E vale notar que também o apreço de Benjamin pelas artes, especialmente o cinema, envolve a consideração de que uma das formas de reabilitar a memória na luta contra as formas de dominação do presente está ligada ao desenvolvimento de uma estética de outra natureza, com características emancipatórias. Isso pode ser observado em ensaios como “A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica” e “O surrealismo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando vemos que Benjamin e Marcuse abordaram temas como a memória, o choque, a experiência e a fantasia, pode parecer que esses autores, ainda que preocupados centralmente com a emancipação humana, tinham permanecido presos em abstrações da realidade. Existe uma conexão entre a vida econômica da sociedade, o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e as transformações culturais?

Os autores da tradição de Teoria Crítica se dedicaram a estudar a dimensão da subjetividade para compreender por que “todas as revoluções foram também

revoluções traídas” (Marcuse, 1972, p. 92). O caminho trilhado por eles parece partir de dois pontos. O primeiro ponto diz respeito aos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, no qual Marx pensa os caminhos para uma outra forma de sociabilidade, livre da exploração. Nesse texto, Marx leva em consideração, por um lado, a transformação das bases materiais da sociedade e, por outro lado, a transformação radical e emancipação completa do ser humano. O segundo ponto se refere ao período histórico em que esses autores viveram, o fracasso da Revolução Alemã de 1918 e, mais tarde, a ascensão do fascismo. Todos esses elementos parecem conduzir, nas obras destes autores, a uma maior preocupação com a relevância dos processos psíquicos individuais e com as determinações da cultura na elaboração de uma teoria da sociedade.

Há neste direcionamento uma preocupação dialética com as possibilidades reais de emancipação, com a mudança completa das formas de vida, dos sentidos, da consciência e do inconsciente. Afinal, a história da sociedade capitalista é a história da abertura das possibilidades de emancipação e do avanço real da barbárie e o intelectual materialista precisa examinar continuamente este quadro buscando identificar as tendências objetivas que emergem a cada momento, e permanecendo atento tanto aos entraves e às catástrofes, quanto aos possíveis caminhos que possam surgir.

A leitura materialista do pensamento de Freud pode nos fornecer um cenário mais abrangente das forças em jogo. Por exemplo, quando Marcuse (1992, p. 136-137) aponta o conteúdo básico do processo de fantasia como um processo de oposição ao princípio de realidade, ele afirma que, por essa razão, “a fantasia desempenha um papel único na dinâmica mental”; e, segundo ele, Freud teria reconhecido esse papel. Marcuse ainda diz que é justamente nesse ponto em que a metapsicologia atinge um momento crucial e decisivo. Nesse quadro podemos perceber como a leitura materialista de Marcuse ganha força e exibe sua importância. Segundo ele, as imagens representadas na fantasia, como vimos, consistem em imagens de gratificação plena oriundas do inconsciente. Seu conteúdo remete à uma forma de realidade diferente e essas imagens contêm “a perdida unidade entre o universal e o particular”, elas estão, portanto, no inconsciente de cada uma das pessoas, isto é, da humanidade em geral.

Noutras palavras, na interpretação filosófica do pensamento de Freud, Marcuse vê na fantasia um processo de oposição à dominação. Isto é, se para Freud o processo básico da fantasia é um processo de oposição ao princípio de realidade e isso é compartilhado por cada uma das pessoas, então, é possível dizer que no interior do inconsciente da humanidade há uma luta pela libertação que foi suprimida, mas que continua a assediar a mente no amplo campo das atividades psíquicas. Logo, Marcuse encontra em Freud, por um lado, uma forma histórica

específica - de liberdade plena - como sendo a “natureza da civilização” e, por outro lado, um valor de verdade na fantasia que se relaciona não só com o passado mas também com o futuro:

As formas de liberdade e felicidade que [o valor da verdade da imaginação] invoca pretendem emancipar a *realidade* histórica. Na sua recusa em aceitar como finais as limitações impostas à liberdade e à felicidade pelo princípio de realidade, na sua recusa em esquecer o que *pode ser*, reside a função crítica da fantasia (Marcuse, 1972, p. 138).

As palavras finais da introdução de Marcuse (1992, p. 30) em *Eros e Civilização* também parecem ser significativas para a nossa reflexão. Marcuse afirma que a sua preocupação é com “o desenvolvimento de uma construção teórica que almeja não à cura da enfermidade individual, mas o diagnóstico de uma perturbação geral”. Disso podemos inferir que ao trabalhar com a metapsicologia freudiana, com a subjetividade, a memória e os desejos, Marcuse estava se empenhando em compreender as novas formas de dominação que pareciam ter penetrado o consciente e o inconsciente dos sujeitos. Além disso, a compreensão desses novos elementos resulta em uma nova concepção de emancipação, de liberdade, que estabelece uma nova chave de compreensão sobre esses temas naquele tempo e ainda hoje. Essa emancipação, daí em diante, representa a emancipação dos sentidos e a transformação radical da consciência e do inconsciente.

Enquanto para Marcuse (1972, p. 39) a memória de cada uma das pessoas, em certa medida, conserva imagens passadas de gratificações imediatas e a libertação desse passado - por meio da fantasia - não terminaria em sua reconciliação com o presente, mas com uma orientação para o futuro, para Benjamin, “a imagem da felicidade está indissoluvelmente ligada à da redenção. O passado traz consigo um índice secreto que impele à redenção” (Benjamin, 2012b, p. 242). Além disso, para Marcuse, a capacidade de esquecer seria a faculdade que sustenta a submissão, pois, “esquecer é também perdoar o que não seria perdoado se a justiça e a liberdade prevalecerem. [...] Esquecer o sofrimento passado é perdoar as forças que o causaram - sem derrotar essas forças” (Marcuse, 1972, p. 200). Relembrar tornaria-se então um veículo para a libertação, nas palavras de Marcuse (1972, p. 200), “uma das tarefas mais nobres do pensamento”. Já para Benjamin, existe um caráter prático e geracional na elaboração de redenção do passado, já que o autor afirma que “[...] foi-nos concedida, como a cada geração anterior à nossa, uma *frágil força messiânica* para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso” (Benjamin, 2012b, p. 242).

É possível ver, portanto, que há importantes paralelos e semelhanças entre Marcuse e Benjamin. Dentre estes, vale destacar a questão comum a ambos, de

que na rememoração há um potencial de resistência à dominação. Ambos insistem na importância de que haja uma redenção do passado, e de que se olhe para as revoluções que foram traídas. Trata-se da necessidade de se redimir o passado ou, nas palavras de Marcuse, exercer a Grande Recusa, “o protesto contra a repressão desnecessária, a luta pela forma suprema de liberdade - ‘viver sem angústia’” (Marcuse, 1972, p. 139). Benjamin e Marcuse encontram na memória todo um conjunto de promessas e potencialidades que foram traídas ou suprimidas, mas que nunca foram inteiramente esquecidas. Esse passado, se redescoberto, pode, então, apresentar padrões críticos que são “tabus para o presente” (Marcuse, 1972, p. 39).

Sendo assim, parece fundamental acrescentar aos nossos esforços de entender a realidade atual e suas contradições esses elementos elaborados por Freud, Benjamin e Marcuse. Não ignorando as diferenças entre o nosso contexto e os contextos em que cada um deles viveu, mas sim no sentido de pensar de forma crítica, a partir de suas ideias, as novas dinâmicas e relações que nos aparecem.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8 ed. - São Paulo : Brasiliense, 2012a. (Obras Escolhidas v. 1), p. 123-128.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8 ed. - São Paulo : Brasiliense, 2012b, p. 241-252.

BUCK-MORSS, S. “Estética e anestética: o ‘ensaio sobre a obra de arte’ de Walter Benjamin reconsiderado.” *In*: BENJAMIN, W. et al. **Benjamin e a obra de arte**: técnica, imagem, percepção. Trad. Marijane Lisboa e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 155-204.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. *In*: FREUD, S. **Obras completas volume 14**: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. [1917-1920]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 120-178.

FREUD, S. “O mal-estar na civilização”. *In* FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). São Paulo: Companhia das letras, 2010b. p. 13-122.

GAGNEBIN, J. M. Memória, história, testemunho. *In*: GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo : Editora 34, 2018, p. 49-57.

MARCUSE, H. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 2018.

MARCUSE, H. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. *In*: MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999. p. 73- 104.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. 1972.